

SANTO
AGOSTINHO
Confissões

Tradução do latim e prefácio de
LORENZO MAMMÌ



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright do prefácio e tradução do latim © 2017 by Lorenzo Mammì

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Confessiones

PREPARAÇÃO

Ana Cecília Agua de Melo

REVISÃO DA TRADUÇÃO

Moacyr Novaes Filho

REVISÃO

Luciane Gomide Varela

Fernando Nuno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430.

Confissões / tradução do latim e prefácio de Lorenzo Mammì. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

Título original: Confessiones.

ISBN 978-85-8285-047-3

1. Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430

I. Mammì, Lorenzo. II. Título.

17-00662

CDD-922.22

Índice para catálogo sistemático:

I. Santos : Igreja Católica : Autobiografia 922.22

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

www.penguincompanhia.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Prefácio — Lorenzo Mammi 7

CONFISSÕES

Livro I	33
Livro II	59
Livro III	72
Livro IV	91
Livro V	115
Livro VI	138
Livro VII	165
Livro VIII	193
Livro IX	220
Livro X	250
Livro XI	302
Livro XII	333
Livro XIII	366

Livro I

1, 1. *Tu és grande, Senhor, e demais louvável. Grande é tua potência, e tua sabedoria é inumerável.*¹ Quer te louvar o homem, fragmento qualquer de tua criação, e anda em círculos carregando sua mortalidade, anda em círculos carregando a prova de seu pecado e a prova de que *tu resistes aos soberbos*² — contudo, o homem quer te louvar, este fragmento qualquer de tua criação. Tu o incitas, para que goste de te louvar, porque o fizeste rumo a ti e nosso coração é inquieto, até repousar em ti. Concede-me, Senhor, saber e compreender o que é anterior: invocar-te ou louvar-te? Conhecer-te ou invocar-te? Mas quem poderia te invocar, se não te conhecesse? Não te conhecendo, poderia invocar outra coisa. Mas não te invoca, ao contrário, para te conhecer? Porém, como *invocarão os que não acreditam? Ou como acreditarão, se ninguém anunciou?*³ *E louvarão o Senhor os que o procuram.*⁴ Quem o procura encontra-o, e quem o encontra louvá-lo-á. Que eu te procure, Senhor, invocando-te, e te invoque acreditando em ti: com efeito,

1. Cf. Sl 145 (144),3 (Vetus Latina): “Grande és, Senhor, e muito louvável; e tua grandeza não tem fim”; Sl 147(146),5: “Grande o nosso Senhor, e grande sua potência; e sua sabedoria é inumerável”.

2. 1Pd 5,5; Tg 4,6; Pr 3,34 (Vetus Latina).

3. Rm 10,14.

4. Sl 22 (21),27.

foste anunciado. Invoca-te, Senhor, a minha fé, que tu me deste, que me inspiraste pela humanidade de teu Filho e pelo ministério de teu anunciador.

II, 2. E como invocarei o meu Deus, meu Deus e Senhor, já que certamente, ao invocá-lo, o chamo para dentro de mim?⁵ Que lugar há em mim, para que o meu Deus venha para dentro de mim? Como Deus viria em mim, Deus *que fez o céu e a terra*?⁶ Então, Senhor meu Deus, há algo em mim, que possa te conter? Acaso te contém o céu e a terra, que fizeste e nos quais me fizeste? Ou o fato de nada ser sem ti implica que tudo o que for te contém? Mas então, eu também, por que peço que venhas para dentro de mim, eu que não seria, se tu já não estivesses em mim? De fato, ainda não estou debaixo da terra, no entanto até ali tu te encontras. Porque, mesmo *se descer no inferno, tu lá estás*.⁷ Portanto, meu Deus, eu não seria, não seria absolutamente, se tu não estivesses em mim. Ou antes, eu não seria se não estivesse em ti — em ti, *a partir do qual, pelo qual e no qual tudo é*?⁸ É assim mesmo, Senhor, é assim mesmo. Por que te invoco, se estou em ti? De onde virias a mim? Para onde me afastaria, fora do céu e da terra, para que dali venha o meu Deus, que diz: *eu preencho o céu e a terra*?⁹

III, 3. Então te contém o céu e a terra, porque tu os preenches? Ou os preenches e ainda sobras, porque não te contém? E para onde trasbordaria o que sobra de ti, uma vez preenchidos o céu e a terra? Ou não é necessário que tu, que conténs todas as coisas, sejas contido por algo, porque,

5. Segundo a etimologia latina, “*in-voco*”: chamar para si, ou para dentro.

6. Gn 1,1.

7. Sl 139 (138),8.

8. Rm 11,36.

9. Jr 23,24.

o que tu preenches, o preenches contendo-o? Com efeito, não são os vasos plenos de ti que te tornam estável: mesmo que eles sejam quebrados, tu não derramarias. E quando derramas sobre nós não desces, mas nos levantas; não te dispersas, mas nos recolhes. Mas, tudo o que preenches o preenches da totalidade de ti. Ou, não podendo te conter inteiro, todos os seres conteriam uma tua parte, e todos a mesma, simultaneamente? Ou cada um singularmente, os maiores uma parte maior, os menores, uma menor? Haveria, portanto, em ti, partes maiores e menores? Ou estás todo em todo lugar, e nada te contém inteiramente?¹⁰

IV, 4. O que és, afinal, meu Deus? O que, pergunto, senão o meu Senhor? *Quem*, de fato, é senhor, além do Senhor? Quem é deus além do nosso Deus?¹¹ Supremo, ótimo, poderosíssimo, todo-poderosíssimo, misericordiosíssimo e justíssimo, ocultíssimo e evidentíssimo, belíssimo e fortíssimo. Imóvel e inapreensível; imutável, que tudo muda; nunca novo, nunca velho; que tudo renova, mas *envelheces* os soberbos, e *eles não percebem*.¹² Sempre ativo, sempre em repouso; que acumula, sem ter carência; que carrega e preenche e protege; que cria e nutre e perfaz; que procura, sem que nada lhe falte. Tu amas e não ardes; és ciumento, mas sem receios; arrependes-te,¹³ e não sofres; enfureces-te,¹⁴ e permaneces calmo. Mudas as ações, mas não o propósito; recolhes o que encontras e nunca perdeste; nada te faltando, gozas do que logras;

10. Cf. Livro VII, I, 2.

11. Sl 18 (17),32.

12. Jó 9,5 (Vetus Latina: “Envelheces as montanhas, e elas não percebem”. Na Vulgata: “Deslocas as montanhas, e elas não sabem”). A identificação das montanhas com os grandes da Terra e, portanto, os soberbos, já era tradicional na exegese cristã.

13. Cf. Gn 6,6-7.

14. Cf. Ex 4,14; Sl 2,12.

nunca avaro, reclamas juros. Entregamos-te com sobra,¹⁵ para que fiques em dívida, mas quem possui algo que não seja teu? Dás o que é devido, e nada deves; pagas as dívidas sem nada perder. Mas o que digo, meu Deus, minha vida, minha santa doçura, e o que diz qualquer um, quando fala de ti? E no entanto, ai dos que se calam sobre ti, porque, mesmo falando, são mudos.

v, 5. Quem me fará repousar em ti? Quem fará com que tu venhas ao meu coração e o inebries, para que eu esqueça meus males e abrace a ti, meu único bem? O que és tu para mim? Tem piedade, para que eu fale. O que sou eu para ti, para tu ordenares que eu te ame e, se não o fizer, te enfureceres e ameçares grandes desgraças? Seria uma desgraça pequena, não te amar? Ai de mim! Dize-me pelos teus atos de misericórdia, Senhor meu Deus, o que és para mim. *Dize à minha alma: eu sou tua salvação.*¹⁶ Dize-o, para que eu ouça. Eis diante de ti os ouvidos do meu coração; abre-os e *dize à minha alma: eu sou tua salvação.* Correrei atrás dessa voz e te alcançarei. Não me escondas tua face:¹⁷ que, para não morrer, eu morra para vê-la.¹⁸

6. É pequena a casa da minha alma, para que tu venhas a ela: que seja ampliada graças a ti. Está em ruínas: reforma-a. Contém coisas que ofendem teus olhos: digo-o, sei-o. Mas quem a limpará? Para quem, senão para ti,

15. Cf. Mt 25,27.

16. Sl 35 (34),3.

17. Cf. Dt 31,17 e 32,20.

18. A morte mística para o pecado, que gera a ressurreição da alma. Cf. Agostinho, *Sermão 231*, 3: “Se vivemos bem, é porque morremos e ressuscitamos; mas quem não morreu e não ressuscitou ainda vive mal; se vive mal, não vive; que morra, para não morrer”. Sobre a visão de Deus que a morte propicia, cf. Ex 33,20.

clamarei: *purifica-me de minhas culpas secretas, Senhor, e poupa teu servo das alheias?*¹⁹ *Eu acredito, e por isso falo.*²⁰ *Senhor, tu sabes.*²¹ Não te enumerarei *contra mim* minhas faltas, meu Deus, e tu perdoaste a *impiedade do meu coração?*²² Não discuto teu julgamento,²³ Senhor, *tu és a verdade;*²⁴ e eu não quero me enganar, não quero que *minha iniquidade minta para si mesma.*²⁵ Não discuto teu julgamento, porque, *se levores em conta as culpas, Senhor, quem poderia resistir?*²⁶

VI, 7. Mas deixa-me *falar à tua misericórdia, eu, terra e cinza,*²⁷ deixa, contudo, que eu fale, porque é à tua misericórdia que falo, não a um homem que possa rir de mim. Até tu talvez rias de mim;²⁸ porém, voltando-te para mim, terás piedade. Pois o que é que quero dizer, Senhor, senão que não sei de onde vim até aqui, para isso que chamo vida mortal, ou morte vital?²⁹ Não sei. Aqui me acolheram *as consolações de tua compaixão,*³⁰ segundo aprendi pelo meu pai e mãe carnis, do qual e na qual me

19. Sl 19 (18),13-14 (Vulgata de Jerônimo; na Vulgata moderna: *Purifica-me das faltas secretas; e preserva teu servo do orgulho*).

20. Sl 116 (114-5),1 (10).

21. Sl 69 (68),6.

22. Sl 32 (31),5.

23. Cf. Jó 9,3.

24. Jo 14,6; 1Jo 5,6.

25. Sl 27 (26),12 (Vulgata de Jerônimo; na Vulgata moderna: *Contra mim se levantaram falsas testemunhas*).

26. Sl 130 (129),3.

27. Gn 18,27.

28. Cf. Sl 2,4; 37 (36),13; Sb 4,18.

29. Cf. Eurípides, *Polydus*: “Quem sabe se o viver não é um morrer, e o morrer um viver?”, cit. em: Platão, *Górgias*, 492e; Clemente de Alexandria, *Stromateis* III, 3; Orígenes, *Contra Celso*, VII, 50.

30. Sl 94 (93),19; 69 (68),17.

formaste no tempo; de fato, eu não lembro. Receberam-me as consolações do leite humano, e não era minha mãe ou minhas amas que enchiam a si mesmas os seios, mas tu me davas através delas o alimento da infância, conforme estabeleceste, e as riquezas que colocaste até o fundo das coisas. Tu me davas também de não querer mais do que me davas, e às que me nutriam, de querer dar-me o que davas a elas. Queriam me dar, com efeito, segundo um sentimento regrado, aquilo de que abundavam graças a ti. Era bom para elas o bem que eu recebia delas, porque não vinha delas, mas através delas: de ti, por certo, Deus, vêm todos os bens, do meu Deus vem toda minha salvação. Isso, eu o percebi mais tarde, quando tu mo declaraste por aqueles dons que concedes interior e exteriormente. Por enquanto, sabia mamar e me apaziguar nos prazeres, ou chorar pelas ofensas à minha carne, nada mais.

8. Em seguida comecei a rir, antes no sono, depois na vigília. Isso me foi contado e eu acredito, porque vi outras crianças agir dessa forma; mas, quanto a mim mesmo, não lembro. Pouco a pouco começava a perceber onde estava, e queria manifestar minhas vontades àqueles que poderiam satisfazê-las, e não conseguia, porque aquelas estavam dentro, e estes, fora, e não podiam penetrar minha alma com nenhum de seus sentidos. Então me lançava em gestos e sons, sinais que imitavam minhas vontades, pelo pouco que podia, da maneira que podia: mas não eram realmente semelhantes. E quando não me obedeciam, ou por não entender, ou para não me prejudicar, indignava-me que adultos não se submetessem e gente livre não me servisse, e vingava-me deles chorando. Aprendi isso com os bebês que pude observar, e eles, inconscientemente, me mostraram o que eu fui melhor do que fizeram, cientemente, os que me criaram.

9. Mas eis que minha infância morreu há tempo, e eu estou vivo. Tu, porém, Senhor — que és sempre vivente e no

qual nada morre porque, antes do início dos séculos e antes mesmo de tudo o que possa ser chamado de anterior, tu és, e és Deus Senhor de todas as coisas que criaste, e contigo permanecem as causas estáveis de tudo o que é instável, e se mantêm as origens imutáveis de tudo o que é mutável, e vivem as razões eternas de tudo o que é irracional e temporal — dize, Deus, a mim, teu suplicante, dize-me, misericordioso com teu miserável, se minha infância já se seguia à morte de alguma idade anterior. Talvez aquela que passei no ventre da minha mãe? Com efeito, sobre esse período também ouvi alguma coisa, e eu mesmo vi mulheres grávidas. E quanto a uma época ainda anterior, minha doçura, meu Deus? Estive em algum lugar ou fui algo? Sobre isso, não há quem possa me falar: nem meu pai e minha mãe, nem a experiência dos outros, nem minha memória. Tu ris de mim se te pergunto isso, e me ordenas te louvar e confessar por aquilo que conheço?

10. *Faço minha confissão a ti, Senhor do céu e da terra,*³¹ louvando-te pelo meu nascimento e minha infância, que não lembro; mas concedeste ao homem conjeturar sobre ela a partir de outros, e acreditar em muitas coisas sobre si mesmo na base pela autoridade até de mulherzinhas humildes. De fato, eu já existia e vivia naquele tempo e no fim da infância já procurava sinais para que os outros conhecessem meus sentimentos. De onde vinha essa vida animal, senão de ti, Senhor? Alguém poderia ser artífice de si mesmo? Há alguma corrente que vem de alhures e escorre em nós para que sejamos e vivamos, sem que tu nos faças, Senhor,³² tu para quem ser e viver não são distintos, porque o ser supremo e o viver supremo são

31. Mt 11,25.

32. Cf. Sl 100 (99),3 (Vulgata de Jerônimo: *Ele nos fez, e não nós mesmos*; Vulgata moderna: *Ele nos fez, e a ele pertencemos.*)

o mesmo? Tu és supremo e não mudas³³ e em ti o dia de hoje não passa, e no entanto passa em ti, porque tudo isso também está em ti: não haveria caminhos para passar, se tu não os contivesses. Mas, se *teus anos não acabam*,³⁴ teus anos são um hoje; e quantos dias nossos e dos nossos pais já passaram pelo teu hoje, e dele receberam a medida e tudo o que foram, e agora outros passarão e também receberão tudo o que serão! Mas tu és sempre o mesmo e todas as coisas de amanhã e depois de amanhã, e todas as coisas de ontem e antes de ontem, tu as farás hoje, foi hoje que as fizeste. O que me importa, se alguém não entender? Alegre-se ele também, dizendo: *o que é isso?*³⁵ Alegre-se mesmo assim e prefira te encontrar não encontrando a, encontrando, não te encontrar.

VII, 11. Escuta, Deus: “Ai dos pecados dos homens!”.³⁶ Um homem diz isso, e tu tens piedade dele, porque tu o fizeste, e não fizeste seu pecado. Quem me lembrará dos pecados da minha infância — porque *ninguém é livre do pecado diante de ti, nem o recém-nascido, que tem apenas um dia de vida sobre a terra?*³⁷ Quem mos lembrará? Alguma criancinha minúscula, na qual vejo o que não lembro de mim? Em que pecava, então? Talvez porque cobiçava os seios chorando? De fato, se me comportasse assim agora, cobiçando não certamente os seios, mas algum alimento condizente à minha idade, seria com toda razão escarnecido e censurado. Logo, naquela época fazia coisas censuráveis, mas, não podendo compreender a censura, o costume e a razão não deixavam que eu fosse repreendido. Com efeito, ao crescer expurgamos e

33. Cf. Ml 6,3.

34. Sl 102 (101),28.

35. Ex 16,15.

36. Cf. Is 1,2-4.

37. Jó 14,4-5 (versão dos LXX).

descartamos essas atitudes, e nunca vi alguém descartar propositadamente coisas boas, ao limpar algum lugar. Era bom, por acaso, mesmo naquela idade, pedir chorando até o que me faria mal, indignar-me amargamente com homens não submissos e livres e com os próprios pais que me geraram, além de outras pessoas ajuizadas que não obedeciam a um sinal da minha vontade, e tentar machucá-las batendo quanto podia, porque não obedeciam a ordens que seriam perniciosas, se obedecidas? Logo, é a fraqueza dos membros infantis que é inocente, não a alma dos infantes. Eu mesmo vi e tive a experiência de uma criança ciumenta: ainda não falava, mas olhava pálida, com expressão irada, a criança que mamava junto com ela. Quem não sabe disso? Mães e amas dizem que isso se corrige com não sei que remédios. A não ser que isso também seja inocência: não tolerar, diante de uma fonte de leite que jorra rica e abundante, um parceiro desprovido de toda força e que depende desse único alimento para viver. No entanto, somos indulgentes com esses excessos, não porque sejam nulos ou pequenos, mas porque passam com a idade. Prova disso é que não podem ser tolerados de bom ânimo, quando se manifestam em alguém mais velho.

12. Tu, portanto, Senhor meu Deus, que deste ao recém-nascido a vida e um corpo provido de sentidos e articulado em membros, assim como o vemos, e embelezaste sua figura e insuflaste nele todos os instintos animais, para sua completude e conservação, tu ordenas que eu te louve por isso, *confesse-me a ti e cante teu nome, Altíssimo*,³⁸ porque tu és Deus onipotente e bom, ainda que tivesses feito só isso, que ninguém poderia fazer além de ti, unidade da qual vem toda medida, formosíssimo que formas tudo e que ordenas tudo pela tua lei. Mas aque-

38. Sl 92 (91),2 (Vetus Latina); cf. Sl. 147 (146-7), 7.

la idade, Senhor, eu não lembro como a vivi; a respeito dela, acredito nos outros e conjeturo o que fiz a partir de outras crianças. Ainda que essas conjeturas sejam muito confiáveis, incomoda-me considerá-las parte da minha vida, a que vivo neste século. Com efeito, o que caiu nas trevas do meu esquecimento equivale ao que vivi no útero materno. E se *fui concebido na iniquidade e minha mãe me alimentou no útero entre os pecados*,³⁹ onde, peço-te, meu Deus, onde, Senhor, eu, teu servo, onde ou quando fui inocente? Mas deixo de lado aquele tempo: o que mais tem a ver comigo, se dele não ficou nenhum vestígio?

VIII, 13. Da infância, avançando rumo ao presente, não cheguei à puerícia?⁴⁰ Ou melhor, ela não chegou a mim, e sucedeu à infância? Mas esta não foi embora: para onde iria? Contudo, já não era. De fato, eu já não era uma criança que não fala, mas um menino falante. Disso eu lembro; mas como apreendi a falar, só o compreendi mais tarde. Com efeito, os adultos não me mostraram as palavras segundo um programa determinado de instrução, como um pouco mais tarde o alfabeto, mas eu mesmo, com a mente que tu me deste, meu Deus, com gemidos e sons variados e gestos variados dos membros queria ma-

39. Sl 51 (50),7 (Vetus Latina).

40. Agostinho utiliza a divisão já tradicional da vida humana em seis idades: infância, puerícia, adolescência, juventude, maturidade, velhice. A infância indicava o período anterior à aprendizagem da fala (*in-fans* = não falante) ou, em outros autores, ao ingresso na escola (sete anos); a puberdade marcava a passagem da puerícia à adolescência; a maioridade jurídica (trinta anos), a da adolescência à juventude; a transição para as duas últimas idades é mais indeterminada, variando segundo os autores. Nas *Confissões*, o livro I trata da infância e puerícia; os livros II a VI, da adolescência; os livros VII a IX, do início da juventude (dos trinta aos 33 anos). Cf. Agostinho, *A verdadeira religião*, xxvi, 48-9.

nifestar os sentimentos do meu coração, para que meus desejos fossem atendidos. Mas não conseguia expressar tudo o que queria para todos aqueles dos quais o queria. Apelava à memória: quando eles nomeavam algo e moviam o corpo em direção àquilo de acordo com aquele som, olhava e memorizava o som pelo qual chamavam a coisa que queriam indicar. Mas, esse querer, eles o revelavam pelos movimentos corporais que são como a linguagem natural de todos os povos, e que se manifestam no rosto, nos movimentos dos olhos, na ação de outros membros e no tom da voz, indicando a afeição da alma ao pedir, obter, recusar ou evitar algo. Dessa maneira, retinha as palavras colocadas no lugar adequado em várias sentenças ouvidas repetidamente, registrava de que coisas eram signos e, forçando a boca a reproduzir aqueles sinais, já conseguia comunicar meus desejos através deles. Assim troquei sinais com aqueles que me rodeavam sobre as vontades que queria expressar e descí mais fundo na tempestuosa sociedade da vida humana, atrelado à autoridade dos pais e ao arbítrio dos adultos.

IX, 14. Deus, meu Deus, quantas misérias e enganos experimentei então, quando, para viver bem, me propunham obedecer, criança, àqueles que me ensinavam a brilhar neste século e a me destacar nas artes da verbosidade, voltadas para honras humanas e falsas riquezas. Enviaram-me para a escola, para que aprendesse as letras, cuja utilidade eu, mísero, ignorava. Porém, se era lento a aprender, batiam-me. Os adultos aprovavam isso, e muitos que passaram por esta vida antes de nós construíram, multiplicando a fadiga e a dor aos filhos de Adão, os caminhos penosos que éramos obrigados a percorrer. Mas encontramos também, Senhor, homens que rezavam a ti, e aprendemos deles, sentindo-te como podíamos, que eras algo grande, que podias nos atender e socorrer mesmo não aparecendo aos nossos sentidos. Ainda criança, co-

mecei a rezar a ti, *meu auxílio e refúgio*,⁴¹ e na invocação de ti rompia os nós de minha língua e rogava — pequeno, mas com emoção não pequena — que não me batessem na escola. E, como não me atendias — não para que *me tornasse um estulto* —,⁴² os adultos e até meus próprios pais, que não queriam que nada de mau me acontecesse, riam de minhas feridas, que na época eram para mim um mal grande e grave.

15. Haveria alguém, Senhor, tão magnânimo, ligado a ti por uma afeição tão grande, haveria, digo, alguém unido a ti piamente — porque certo hebetismo também produz isso —, haveria alguém tomado de um amor tão grande ao ponto de menosprezar os acúleos e as garras e outras torturas semelhantes, para escapar das quais rogam a ti de todos os cantos da terra, e rir daqueles que as temem tremendamente, como nossos pais riam dos tormentos que os mestres infligiam a nós, crianças? Nós, de fato, não as temíamos menos, e não te suplicávamos menos para evitá-las, e no entanto pecávamos, escrevendo, lendo e estudando as letras menos do que se exigia de nós. Com efeito, não nos faltavam, Senhor, a memória e o engenho, que quiseste que tivéssemos em medida suficiente para aquela idade, mas preferíamos brincar, e éramos punidos por pessoas que se comportavam da

41. Sl 18 (17),3.

42. Sl 22 (21),3 (Vulgata). Cf. Agostinho, *Primeiro comentário ao Salmo 21*, 3: “Clamei a ti na prosperidade desta vida, para que não mudasse, e tu não me atendeste, porque clamava com as palavras de meus pecados. [...] Clamei também nas adversidades, para que prosperasse, e igualmente não me atendeste, não para que me tornasse um estulto, mas ao contrário entendesse para que queres que eu clame: não pelas palavras dos pecados pelo desejo da vida temporal, mas pelas palavras da conversão a ti na vida eterna”.